Dia 11 — A Comemoração dos Fiéis Defuntos

A caridade que se observa na Igreja com os mortos é sempre proveitosa aos vivos, não só porque nos granjeia amigos no céu, cuja proteção não pode deixar de ser-nos muito vantajosa, mas porque serve maravilhosamente para desprender-nos deste mundo, cuja vaidade e figura transitória nunca melhor vemos que quando fazemos oração pelos defuntos.

A triste memória daquelas pessoas que já não são e que tão ternamente amamos em outro tempo; daqueles amigos de confiança que eram todas as nossas delícias, daqueles poderosos apoios em que se fundava a fortuna que começava a sorrir-nos; esta triste memória, torno a dizer, é um grande remédio para curar-nos das falazes ilusões que enganam o coração e o espírito.

Quando se considera que aquele pai, que aquela mãe que se afanaram toda a vida e a gastaram em amontoar bens de fortuna para nós, já não existem, e que os sufrágios que oferecemos são pelo descanso de suas almas; quando se considera que aquele esposo, que aquela esposa que era todo o nosso consolo acabou já seus dias e que, sepultada nos horrores da morte e submersa nas terríveis chamas destinadas a purificar as almas, pede o socorro de nossas orações; quando se nos representam tantos fiéis que viveram como nós e que, como nós, ocuparam os primeiros postos, possuíram os primeiros empregos lustrosos, edificaram essas soberbas casas e brilharam em todas as ocasiões; quando se considera tudo isto, poder-se-á deixar de pensar que algum dia teremos nós a mesma sorte que eles; que como eles nos havemos de ver reduzidos ao asqueroso canto de uma sepultura; que como eles havemos de ser despojados de todos esses ricos móveis, de todos esses pomposos equipamentos, de todas essas grandes heranças; e que como eles, dentro de poucos dias, teremos extrema necessidade das orações dos fiéis? Ditosos de nós se nos acharmos como eles em lugar onde estas orações possam aproveitar-nos!

Parece que não é possível rogar a Deus pelos mortos sem lembrar-se da morte. E esta memória, este pensamento tão próprio para desenganar-nos de tantos aparentes brilhos como nos deslumbram, de tantos falazes atrativos como nos encantam; este pensamento tão próprio para tirar todo o gosto aos prazeres desta vida, poderá oferecer-se à memória com frequência sem produzir algum efeito?

É a morte o sepulcro das paixões, e sua lembrança é o grande remédio delas. Perdem toda a sua força quando se consideram como origem de tantos pesares e de tantos amargos arrependimentos. Na morte não se olham a outras luzes; nem sequer se pode compreender como se puderam olhar de outra maneira.

Ficam porventura na morte alguns vestígios daquelas ideias quiméricas que se tiveram no mundo, nem daquela mentida felicidade com que entretém enganosamente seus sequazes? Esses caprichosos devaneios da própria excelência, esse furioso afã de sobressair, esses desejos imensos de enriquecer-se, subsistem porventura entre os tristes restos de nossos corpos? Perseveram acaso em meio do universal despojo de todas as coisas? Resta ao menos alguma memória que nos console muito de tudo o que lisonjeou tanto nosso orgulho, de tudo o que saciou nosso apetite, de tudo o que constituiu nossa sonhada felicidade na terra?

Pensa-se, reflete-se, medita-se quando se está a ponto de entrar na espantosa eternidade; mas é tempo de dispor-se para morrer quando já se está morrendo?

Naquele último momento quase se perde de vista o punhado de dias que se viveu; e, se o moribundo conserva alguma memória do que foi, é só para sentir com maior amargura o que vai ser e o que já é.

Eu era poderoso, eu possuía grandes bens, eu gozava elevados empregos, eu tinha belos privilégios, eu desfrutava gordas rendas, eu estava em posse de pingues benefícios: *Et solum mihi superest sepulchrum*: e já tudo isto se desvaneceu, nada me ficou senão uma fedorenta sepultura.

Aquelas casas magníficas, aqueles soberbos palácios, mudas mas eloquentes repreensões da vaidade dos mortais, onde havia amontoado o mais fino, o mais requintado que pode produzir a arte, o mais precioso, o mais raro que se encontra nos países mais remotos; aquelas quintas em que passei tantos e tão divertidos dias, aqueles móveis, aquelas alfaias de tão delicado gosto; aquele magnífico armazém de adornos artificiosos, aquele rico toucador tão atestado de joias e de diamantes; aquele numeroso séquito de cortejadores, de aduladores e de lisonjeiros; aquele ostentoso trem, aquele soberbo equipamento com que me apresentava na rua e que me fazia tanta honra aos olhos do mundo: tudo isto, onde está? Já não há nada disto para mim; apoderaram-se disso meus herdeiros; fizeram-se donos absolutos de tudo; a mim só me ficou uma negra, uma horrível sepultura: *Et solum mihi superest sepulchrum*. Oh, que reflexões! Oh, que verdades tão eficazes para reprimir as paixões, para amortecer seu fogo! Ditoso aquele que não espera à morte para aproveitar-se de tão poderoso remédio.

Naquela hora não há reflexão que não aflija; não há objeto que não espante; para nenhuma parte se podem voltar os olhos que não seja com amargura: *In amaritudinibus moratur oculus meus.* O passado aflige, o presente assusta, o futuro causa terríveis espantos. Arrepende-se o moribundo do que foi; mas, de ordinário, que sentimento tão estéril! Desespera-se de não ter sido o que devia; mas, de ordinário, que remorso tão inútil! Geme, chora, sente uma cruel dor de não ter prevenido, com frequentes reflexões e com uma vida mais regulada, o deplorável estado em que se vê; mas que arrependimento tão tardio! Que lágrimas tão amargas quanto infecundas!

De que serve no estado presente àquela pessoa ter sido em vida tão distinguida por seu engenho, por sua dignidade, por suas riquezas, por sua classe, por seus empregos? Vem a morte a igualá-la com os mais vis de todos os mortais.

De que servem agora àquela mulher que acaba de expirar todos os seus ricos adornos, todo esse pomposo fausto? Expiraram com ela sua soberba, sua ambição e sua delicadeza; a podridão e os

vermes são a única herança que lhe ficou: *Cum morietur homo, hæreditabit vermes.* Bom Deus, quantas ilusões derriba a morte!

Mas que é o que se faz quando em vida se traz à memória o pensamento da morte? Antecipa-se, por assim dizer, aquele derradeiro dia, aquele último momento, aquelas luzes vivas e penetrantes e, sem aguardar a que a catástrofe e o fim dos enredados lances do mundo nos descubram a nosso pesar estes mistérios de vaidade, nós os descobrimos a nós mesmos por meio de santas reflexões.

Quando se põe à vista o retrato da morte, olham-se desde logo todas as coisas do mundo àquelas mesmas luzes a que a morte nos há de fazer olhá-las. Conhecem-se e julga-se delas agora como se há de julgar então; vê-se claramente que são frívolas, enganosas, desprezíveis; envergonha-se o coração de ter-se apegado a elas; chora alguém sua cegueira como a choraria naquela última hora. Achando-se o entendimento e a vontade em tão cristã disposição, a paixão mais violenta se resfria, a concupiscência não está tão viva nem o apetite tão faminto; grandezas humanas, bens caducos, prazeres superficiais, tudo isto se representa com um resplendor lúgubre, com um atrativo lânguido e insosso, com um gosto insípido, logo que se olha por entre os obscuros arrebóis da morte.

Lembra-te da morte, diz o Sábio, e conservar-te-ás inocente: *Memorare novissima tua, et in æternum non peccabis.* Lembra-te da morte, e deixarás de estar tão enfatuado de ti mesmo; não serás tão vivo nem tão ardente em defender teus direitos; não serás tão zeloso de tua autoridade, tão delicado em teus interesses, tão cobiçoso de teus ganhos, tão feroz em tuas cóleras, tão duro com os demais, tão indulgente contigo mesmo e tão pouco cristão em toda a tua conduta. Lembra-te da morte, e desde logo terás afabilidade, doçura, circunspecção, modéstia, paciência, moderação. A imagem da morte faz chamada, por assim dizer, a todas as virtudes.

Mas enquanto isso foge-se de pensar na morte; mas por quê? Acaso se põe em dúvida se se há de morrer? Acaso se tem segurança de morrer bem? É obra tão fácil ou tão indiferente uma boa morte? É de tão pouca consequência que não mereça que se pense nela? Da morte depende a salvação eterna; são poucos os que morrem bem; mas pode suceder outra coisa, sendo tão poucos os que pensam na morte?

O pensamento da morte assusta, perturba os gostos, altera o contentamento dos alegres dias da vida, e por isso se foge dele. Pois por que não fazemos o mesmo com tudo aquilo que nos inquieta e perturba nosso repouso?

Está pendente um pleito criminal; trata-se nada menos que de conservar ou perder toda a fazenda, trata-se da honra de uma família, da vida mesma: se chega o caso de perdê-la, que pesar! Que desgraça! Só o pensamento nos estremece. Pois por que não se desvia da imaginação este triste, este molesto pensamento? Por que, ao contrário, se o abriga, se o fomenta e a toda parte nos acompanha? Não se pensa em outra coisa que no pleito; não se fala de outra coisa que do pleito; não há dia, não há hora, não há instante em que não se chame à imaginação este pensamento; em todas as ações se lhe faz lugar, na mesa, na conversação, no jogo, no passeio; nenhum objeto o distrai, todos cedem a ele. Na verdade, embora incômoda, não é inútil; negocia-se, informa-se, solicita-se, consulta-se, tomam-se todas as medidas que sugere a prudência; este só negócio

ocupa o pensamento, porque este só negócio ocupa o coração. E que se diria de um homem que, tendo um pleito desta entidade, não quisesse nem sequer ouvir falar dele, que fizesse tudo o possível por desviá-lo da memória só porque o espanta e o molesta?

Não discorro que seja preciso fazer a aplicação nem assinalar com o dedo a imprudência, melhor direi a loucura, dos que não querem pensar na morte, porque este triste objeto os aterra e os melancoliza; mas ignora-se porventura que em nossa mão está, com o auxílio da divina graça, que a morte nos encha de consolo, nos seja doce, nos seja preciosa diante do Senhor? E que um dos meios mais eficazes para isto é pensar continuamente na morte? Pode-se racionalmente esperar uma morte ditosa quando não se dignou pensar nela em vida? É tentação conhecida o horror que se tem a tão salutar pensamento. Pobre daquele que se deixar vencer por ela! A menos que se ponha em dúvida o morrer, é loucura rechaçar o pensamento da morte. Certamente, se em todas as nossas resoluções, em todas as nossas ideias, em todos os nossos negócios, em todo o comércio do mundo tivéssemos presente que nos havíamos de morrer, pouparíamos mil motivos de arrependimento. Teme-se o pensamento da morte porque se temem os efeitos que necessariamente há de produzir este salutar pensamento. Se se pensasse muitas vezes na morte, não se viveria com tanta alegria, com tanta dissipação, com tanto desafogo. Se se pensasse muitas vezes na morte, não se frequentaria tanto o jogo, não se aspiraria com tanta ânsia aos empregos, não se viveria com tanto encaprichamento nas vaidades do mundo. Se se pensasse muitas vezes na morte, não se assistiria mais ao baile, não se concorreria mais a todas as partidas de diversão, abandonar-se-iam para sempre certos galanteios e certas conversações; perderiam todo o gosto para nós os teatros, as praças e os espetáculos. Se se pensasse muitas vezes na morte, logo se tomaria o partido do retiro, da solidão, da reforma; e isto é justamente o que não estamos de humor de abraçar. O pensamento da morte obriga o homem a ser mais prudente, quando não tem vontade de ser melhor.

Pensar na morte sem emendar-se é loucura; não pensar nela por não ver-se obrigado a corrigir-se é impiedade. Que desgraça, meu Deus, morrer um homem sem ter quase pensado jamais na morte!

São Saturnino e Companheiros, Mártires

O imperador Diocleciano havia dado ordem a todos os fiéis, sob pena de morte, de entregar nossas santas Escrituras para serem queimadas. A resistência que se opôs à execução deste edito acendeu o fogo de uma cruel perseguição que durante um ano inteiro inundou a África de sangue de cristãos. É verdade que se acharam muitos fracos que obedeceram à ordem; mas o maior número preferiu morrer antes que entregar os livros santos.

A cidade de Abitina, situada na província proconsular da África, foi um dos principais teatros desta guerra declarada ao nome cristão. Celebrava num domingo os divinos mistérios na casa de Otávio

Félix, Saturnino, presbítero daquela cidade; e, tendo-o sabido os magistrados, logo enviaram uma tropa de soldados que prenderam uns cinquenta cristãos de ambos os sexos. Os principais eram o presbítero com seus quatro filhos, a saber: Saturnino e Félix, leitores; Maria, virgem e religiosa; e Hilariano, ainda menino; Dativo, senador; Ampélio, Rogaciano e Vitória. À frente deste santo esquadrão marchava Dativo, a honra do senado de Abitina e a quem Deus destinava para ser um dos principais senadores do céu. Saturnino, rodeado de sua ilustre família, ia a seu lado; todos os demais seguiam em silêncio.

Conduzidos diante dos magistrados, todos confessaram a Jesus Cristo com tanta valentia que os próprios juízes se admiraram de seu valor. Com isto reparavam de certo modo o crime de seu bispo Fundano, que no mesmo lugar havia tido a covardia de entregar os livros santos; bem é verdade que o céu tomou a defesa de nossos oráculos, porque, quando aquele ia lançá-los ao fogo, apagou-o uma forte chuva que sobreveio de repente, estando o céu sereno, acompanhada de um horrível granizo que assolou toda a comarca. Os juízes de Abitina carregaram os confessores de cadeias e os enviaram a Cartago, onde tinha o procônsul sua residência. Os santos puseram-se em marcha cheios de alegria de ver-se acorrentados pelo nome de Jesus Cristo, e davam a Deus graças com hinos e cânticos que não cessavam de cantar por todo o caminho.

Assim que chegaram a Cartago, foram conduzidos diante do procônsul Anulino, o qual, tendo principiado o interrogatório por Dativo, perguntou-lhe de que condição era e se havia assistido à coleta ou assembleia dos cristãos. «Sou cristão — respondeu Dativo — e assisti à coleta.» Anulino perguntou em seguida os nomes do que presidia à assembleia e daquele em cuja casa se havia realizado. Mas, sem esperar a resposta do santo, ordenou que o estendessem sobre o cavalete e o rasgassem com unhas de ferro, para forçá-lo a declarar a verdade. Quase todos os demais confessores foram também aplicados a esta dolorosa questão, que sofreram todos com uma paciência invencível, tanto homens como mulheres. Fez-se, contudo, assinalar o esforço de Vitória. Esta santa donzela havia tido a ventura de conhecer a verdade desde sua infância e, levada do amor à virgindade, renunciou a um partido muito vantajoso de matrimônio. No dia em que havia de celebrar-se este, lançou-se por uma janela, esperando que seu divino Esposo lhe salvaria a vida. Assim sucedeu, pois não se fez nenhum mal. Em seguida refugiou-se numa igreja, onde fez a Deus o sacrifício de sua virgindade; e desde então todo o seu desejo era poder unir a coroa do martírio com a pureza das virgens. Como fosse de um nascimento distinguido e tivesse por irmão Fortunaciano, zeloso defensor do paganismo, o procônsul empregou todos os meios para seduzi-la. Principiou por perguntar-lhe qual era sua religião: «Sou cristã» — respondeu a jovem. Fortunaciano quis escusá-la dizendo que estava tocada de loucura; mas Vitória, que nada temia tanto como perder a ocasião de derramar seu sangue por Jesus Cristo, pôs bem em claro, com a sabedoria de seus discursos, que gozava do uso da razão e que havia abraçado o cristianismo livremente e com conhecimento de causa. O procônsul perguntou-lhe em seguida se queria voltar com seu irmão: «Não pode ser — disse —, porque sou cristã e não reconheço outros irmãos senão os que guardam a lei de Deus.» Esquecendo então o procônsul sua qualidade de juiz para tomar a de suplicante, rogou-lhe que tivesse lástima de si mesma e conservasse sua vida; mas não pôde tirar-lhe outras palavras que estas: «Já vos disse que sou cristã e que assisti à coleta.» Irritado o procônsul por ver-se vencido, enviou-a ao cárcere com os demais confessores, a esperar a sentença de morte que pronunciou contra todos pouco tempo depois.

Anulino quis provar ainda se venceria Hilariano, o filho mais jovem de Saturnino, pensando que a fraqueza de sua idade lhe facilitaria esta vitória; mas bem depressa foi desenganado. Superior a todo medo, o santo menino respondeu-lhe com firmeza: «Sou cristão, assisti à coleta, e isto com plena vontade e sem coação.» O procônsul, que não sabia que Deus mesmo combate em seus mártires, ameaçou-o com os pequenos castigos com que se costuma corrigir os meninos; mas este não fez mais que rir-se deles. «Eu vos farei cortar o nariz e as orelhas — acrescentou o procônsul. — Bem o podeis fazer — respondeu Hilariano —; mas eu sou cristão.» Dissimulando o procônsul seu despeito e sua vergonha, enviou-o à prisão; e o menino disse ao partir: «Eu vos dou graças, senhor.» Todos estes valorosos soldados de Jesus Cristo morreram no cárcere dos tormentos que sofreram nele.

Martirológio Romano

Na África, os santos Saturnino, presbítero, Dativo, Félix, Ampélio e companheiros, que, tendo-se reunido segundo o costume para o santo sacrifício, foram presos por uma tropa de soldados e martirizados sob o procônsul Anulino, durante a perseguição de Diocleciano.

Na Numídia, a memória de muitos santos mártires, presos na mesma perseguição, os quais, não tendo querido entregar as santas escrituras, como o ordenava um edito do imperador, perderam a vida com cruelíssimos suplícios.

Em Adrianópolis, os santos Lúcio, bispo, e seus companheiros, mártires. Este santo pontífice, depois de ter sofrido muito da parte dos arianos, consumou seu martírio nas prisões no tempo do imperador Constâncio; os demais, que eram da nobreza da cidade na maior parte, recusando comunicar com os arianos que acabava de condenar o concílio de Sárdica, foram decapitados por sentença do conde Filagrio.

Em Lyon, na França, São Desidério, bispo de Viena e mártir.

Em Ravena, São Calócero, bispo e confessor.

Em Milão, São Lázaro, bispo.

Em Cápua, São Castrense, bispo.

Em Châteaulandon, no Gâtinais, São Severino, abade do mosteiro de São Maurício de Agaune, por cujas orações sarou de uma prolixa enfermidade o rei Clóvis, adorador então do verdadeiro Deus. No Egito, São Jonas, monge, célebre por sua eminente virtude.

Missa (oração)

A missa é a cotidiana de defuntos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Fidelium Deus omnium conditor et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum: ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur: Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, Criador e Redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, para que obtenham, pelas piedosas orações de vossa Igreja, o perdão que sempre desejaram: Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

Apocalipse 14,13

> **Latim:** 13 Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

Português: 13 Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d’elles os seguem.

Nota

«Já se sabe que o Apocalipse é o livro das revelações de Jesus Cristo feitas a São João quando estava desterrado pela fé na ilha de Patmos, perto do fim do império de Domiciano e por volta do ano 95 da Encarnação. O capítulo de onde se tirou esta epístola faz em poucas palavras o elogio dos que morrem com a morte dos santos.»

Reflexões

Por mais que se viva na opulência e no esplendor, nem a nobreza, nem as riquezas, nem as honras, nada pode eximir-nos das misérias desta vida. Vivemos na região do pranto; nela não nasce o riso senão à força de artifício. O decreto que condena os homens ao trabalho é universal; ninguém se exime dele; nem as condições, nem os estados, nem sequer a mesma idade dispensam a ninguém desta lei. Derramam-se lágrimas antes que se esteja em estado, por assim dizer, de derramar sangue. Nascem conosco as dores e os pesares. Nem sempre o trabalho corporal é o que mais fatiga; a alma e o coração têm suas penas tanto mais duras quanto menos visíveis. As cruzes interiores são as mais pesadas. Nunca mais amargamente se geme que quando se geme em segredo. Começam a correr lágrimas desde o berço e não se esgotam nem sequer sobre o trono. É menos incompatível a alegria com os trabalhos do corpo que com os do espírito. Aqueles têm seus intervalos; mas os cuidados, os pesares, as amarguras que causam as paixões atormentam sem intermissão. Esta é a sorte de todos os homens da terra: ou trabalhos do corpo, ou cuidados do ânimo, e muitas vezes uns e outros. Não há que esperar calma nem repouso até que se acabe a vida. Ditoso aquele a quem o Espírito diz que descanse depois de seus trabalhos. A alegria plena, a tranquilidade fixa, o descanso doce só reinam na pátria celestial. Mas adverte que este descanso é prêmio das boas obras e que somente aos mortos que morrem no Senhor se diz que descansem de seus trabalhos. Que sorte tão diferente! Igualmente morrem o justo e o pecador; a vida dos dois foi igualmente trabalhosa; mas aos trabalhos do justo segue-se descanso eterno, e às fadigas, aos suores, aos cuidados do pecador segue-se um eterno suplício. Pranto neste mundo e, no outro, fogo eterno, e com o fogo raiva, desesperação, ranger de dentes sem fim. Ó mil vezes felizes os que morrem no Senhor! Ó meu Deus, quão tranquila, quão invejável é a morte dos bons! Falando com propriedade, ela é o fim dos trabalhos e o princípio de uma felicidade pura, eterna e sobreabundante. Todos os mortais correm sua carreira, sem que os mais pensem no termo. O curso é laborioso; mas ao cabo nos dirá o Espírito que descansemos de nossos trabalhos? Consultemos nossas obras. Ditoso o que trabalhou pelo céu; ditoso o que viveu no retiro dedicado todo a devotos exercícios; ditoso o que se desterrou para sempre dos concursos cheios de perigo; ditoso o que passou os dias de sua vida no serviço de Deus e em santos exercícios de mortificação e penitência. Trabalhemos em nossa salvação durante esta breve vida, que já bastará a duração da eternidade para recompensar nossos trabalhos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

João 6,51-55

> **Latim:** 51 Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. 52 Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. 53 Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ? 54 Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus

> sanguinem, non habebitis vitam in vobis. [55] Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam : et ego resuscitabo eum in novissimo die.

Português: [51] Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. [52] Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. [53] Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? [54] E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. [55] O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

Meditação

Da incerteza da hora da morte

Primeiro ponto

Considera que é certo que havemos de morrer. Mas quando? Será logo, será tarde? Não sabemos uma palavra. O que há de certo na matéria é que o dia de hoje pode ser o último de nossa vida; que sempre se morre antes do que se pensa; e que o Filho do homem há de vir quando menos se o aguarda. Por mais prevenido que estejas, sempre te pegará de repente. Que será se não fazes alguma prevenção?

Poucas mortes há que não sejam imprevistas, e todas são súbitas a respeito de quem morre. Tudo parece que conspira a enganar um moribundo; e até ele mesmo se põe de acordo com os que o enganam. Que homem viste morrer que não se prometesse viver pelo menos até o dia seguinte?

Grande mania! Sabe-se que a morte é inevitável; mas sempre se a considera lá ao fim de uma carreira muito dilatada, lá a uma grande distância, numa idade muito avançada. Chega esta avançada idade; e nunca o é tanto que nos tire a esperança de viver pelo menos outro ano mais. Por robusta que seja nossa saúde, da vida à morte não há mais que um só passo. Onde se achará um homem prudente que queira assegurar-nos um ano mais de vida pondo em perigo a sua? Contudo, eu exponho a perigo minha salvação por dilatar até o ano que vem o converter-me.

Ignora o homem o fim de seus dias, diz o Sábio; e, como o peixe que brinca nas águas e o passarinho que revoluteia nos ares se acham presos de repente, aquele no anzol e este no laço, assim os homens se deixam surpreender infelizmente pela morte, quando pensavam gozar os mais alegres dias da vida.

De todos aqueles que sabemos ter morrido no ano passado, havia sequer um que pensasse morrer naquele ano? E de todos os que vivem no ano presente, haverá sequer um que julgue seriamente

que não há de viver mais que este ano só?

Quem poderá assegurar-me hoje que hei de viver amanhã? Logo é certo que posso morrer hoje. E este dia decisivo de minha sorte seria princípio de uma ditosa eternidade, se o dia de hoje fosse o derradeiro de minha vida? Estremeço ao ouvir esta proposição; basta este só pensamento para assustar minha consciência. Ah! Se dentro de duas horas houvesse de comparecer ante o tribunal de Deus, se fosse preciso dar conta ao supremo Juiz do tempo que tenho perdido, dos auxílios, das graças que tenho malogrado, que seria de mim, tão carregado de pecados, sem ter dado princípio a fazer penitência, se dentro de poucas horas houvesse de ouvir minha última sentença sem apelação? O caso pode suceder; quem me assegura que não me sucederá?

Segundo ponto

Considera que loucura seria a de um caminhante que, na véspera de uma longa viagem, em lugar de fazer as prevenções necessárias para a jornada, só pensasse em fabricar casas que não havia de habitar, em adquirir fazendas que não havia de gozar, em contrair novas amizades, em estreitar-se com conhecimentos que o dia seguinte havia de romper. E temos nós mais juízo quando procedemos como se houvéssemos de viver eternamente? Que fazemos quando vivemos sem pensar na morte?

Se soubesse que havia de morrer amanhã, dispor-me-ia hoje para morrer. Mas ah! Que talvez será antes de amanhã! Posso morrer esta noite, posso morrer neste mesmo momento. Se me sucedesse isto, pegar-me-ia a morte prevenido? E pegar-me-á mais prevenido se morro sem ter pensado nela?

Alguém que estivesse condenado à morte por sentença irrevogável poderia alegrar-se e não pensar mais que em viver, sem ter perdido o juízo? *Statutum est hominibus semel mori.* Pronunciada está a sentença de morte contra todos os homens; condenados estamos a morrer uma vez. Um Deus é o que nos condenou à morte, e desta morte depende nossa felicidade ou nossa infelicidade eterna. Não se morre mais que uma vez, e contudo ninguém pensa em morrer. É coisa tão fácil morrer bem? É coisa indiferente morrer mal?

Que coisa tão terrível é morrer sem estar prevenido! E quanto tempo nos parecerá necessário para o estarmos? Bastaria um mês para pôr-nos em estado de comparecer ante o espantoso tribunal do soberano Juiz? Os negócios da consciência, trinta, quarenta anos de uma vida estragada, esse confuso caos de iniquidade, poderá aclarar-se em poucas semanas? Pois quanto tempo pensamos dedicar a isto? Estamos assegurados sequer de um só dia?

Meu Deus, até os que mais tiverem pensado na morte se acharão todavia surpreendidos! Pois que será dos que nunca pensaram nela? Dos que nem sequer querem que outros pensem?

Coisa estranha! Não se deixa de pensar na incerteza da hora da morte senão no que toca à salvação; que, em se atravessando algum interesse temporal, ninguém há que não pense nela. Companhias de comércio, contratos matrimoniais, escrituras públicas, convenções particulares,

todas estão cheias de prudentes precauções contra esta fatal incerteza. Não sabemos, diz-se, o que pode suceder; somos mortais; é prudência prevenir os acidentes da vida. Bem dito. Mas pela salvação, pelos negócios da consciência, por assegurar-nos uma eterna felicidade, que prevenções se fazem? Que precauções se tomam?

Senhor, e depois de todas estas reflexões incorrerei eu na mesma falta? Não, doce Jesus meu, não quero eu mais arriscar minha salvação; de hoje em diante olharei o dia presente como se fosse o derradeiro de minha vida; viverei, mediante vossa divina graça, como se naquele dia houvesse de morrer.

Jaculatórias

> *Paucitatem dierum meorum nuncia mihi.* Sl 101.

Fazei, Senhor, que sempre tenha presente a brevidade da vida e a incerteza da hora da morte.

> *Ne revoces me in dimidio dierum meorum.* Sl 101.

Não me corteis, meu Deus, no meio da carreira.

Propósitos

1. Podendo ser cada dia o último da vida, não será a maior de todas as loucuras que se passe um só dia sem pensar na morte? E tens pensado muito nela? Cada dia pode dar-se a sentença no processo de que depende tua felicidade ou tua infelicidade eterna. Pensa todas as manhãs se estão os autos bem preparados; se serão ou não serão necessárias novas luzes, novos documentos; se te resta algo que fazer para pô-los em bom estado. Tudo quanto se apresenta à vista é imagem ou ao menos lembrança da morte. Ruínas de edifícios antigos, magnificência dos novos, revolução das estações, sucessão regular das horas e dos dias, rapidez do tempo, curso dos astros, tudo nos está pregando a morte segundo sua linguagem. As modas que já não se usam, os móveis que se gastam, as histórias, as pinturas, tudo é lembrança da morte. Pois não sejas tu só o que lances de ti esse pensamento. Dá ouvidos a tudo o que te está clamando que também tu hás de morrer. Além do crucifixo que deves ter destinado para que te ajudem a bem morrer com ele na hora da morte, e o que hás de ter sempre à vista enquanto viveres, usa de certos pensamentos práticos que são muito próprios para dispor-te a uma boa morte.

Primeiro: Alguns têm escrita ao pé do crucifixo, sobre a mesa ou no estudo, esta sentença: Está sempre prevenido, porque na hora em que não pensas virá o Filho do homem. Segundo: Outros têm uma imagem da morte, ou junto à cama, ou ao menos no oratório, e nunca passam o dia sem fazer algumas reflexões sobre a morte. Terceiro: Tem havido muitas piedosas senhoras que, tendo prevenida a mortalha com que hão de ser enterradas, guardam-na entre suas galas, para que sempre que vão buscar estas se lembrem da que hão de levar à sepultura. Quarto: Alguns leem uma vez cada mês seu testamento, não só para examinar se estão bem reguladas todas as suas disposições e se há alguma coisa que mudar, mas particularmente para trazer à memória a sepultura que escolheram. Aproveita-te destas piedosas indústrias.

2. Posto que a hora da morte é incerta e que certamente, por mais vigilante que estejas, sempre te há de pegar de improviso, guarda-te bem de dilatar para a hora da morte o que podes fazer em vida: v. g., confissões gerais ou extraordinárias, reconciliações com os inimigos e restituições. Desengana-te: a última enfermidade só é oportuna para exercitar a paciência. Não nos manda o Salvador que nos disponhamos então, mas que estejamos já dispostos. Examina se te resta algo que fazer e desce a coisas particulares. Olha bem que regra, que boa obra, que devoção omitiste. Oferece hoje alguma oração ou alguma esmola pelas almas do purgatório. Estas que parecem piedosas miudezas, essa reforma de costumes e de conduta, te encherão de alegria naquela última hora e te livrarão de muitos amargos remorsos. Não te contentes com que te pareçam bem estes conselhos, passa a pô-los em prática. A vista da sepultura é uma medicina muito eficaz para curar as doenças da alma. Não há paixão que não se modere quando se pensa na morte.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:49 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:49 by Admin